



Uma reportagem analítica sobre violência doméstica e Lei Maria da Penha em São Miguel do Oeste¹

Marcos Andrei MELLER²

Rafael HOFF³

Universidade do Oeste de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, SC

RESUMO

A produção jornalística no rádio tem algumas características particulares, como a instantaneidade, a objetividade do texto e a superficialidade da abordagem. Os valores que estão na base da informação radiojornalística são os mesmos da sociedade pós-moderna: superficialidade, fragmentação, efemeridade e descartabilidade. As notícias de rádio, normalmente, seguem um padrão limitado pelo tempo e pelos valores de mercado. O radiojornalismo interpretativo e analítico pode ser um outro caminho para o veículo que se preocupa com a formação do ouvinte cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; radiojornalismo; jornalismo interpretativo; reportagem

INTRODUÇÃO

O Jornal da Manhã da rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi uma das primeiras experiências jornalísticas do rádio brasileiro. Em 1923, Edgar Roquette-Pinto circulava as principais notícias dos jornais impressos com um lápis vermelho e fazia a leitura no ar durante o programa (JUNG, 2005, p.20). No início, o rádio não tinha linguagem e métodos próprios de produção jornalística. Esse contexto “fez com que as emissoras de rádio ficassem presas à lógica da distribuição espacial da notícia impressa dos jornais” (SALOMÃO, 2003, p.79).

A simples leitura dos jornais impressos no ar caracterizou o trabalho jornalístico dos primeiros locutores. Salomão diz que esse quadro só começou a mudar na década de 30.

A constituição de uma linguagem própria para o jornalismo no rádio brasileiro deu-se a partir da importação de modelos de noticiários produzidos em outros países da

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade produção em jornalismo interpretativo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Jornalismo, email: andreimeller@yahoo.com.br.

³ Orientador do Trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: Rafael.hoff@yahoo.com.br.



América Latina e os Estados Unidos, com uma adaptação para o rádio brasileiro que já no início da década de 30 atingia uma razoável, mas contida popularidade. (SALOMÃO, 2003, p.80).

Hoje, o radiojornalismo é muito mais do que o conhecido “Gillette press”. A produção de notícias para o rádio envolve elementos como fidelidade aos fatos, precisão, rapidez e instantaneidade. Ao contrário dos primeiros noticiários dos anos 20 e 30 agora é o rádio que deve sair na frente e pautar os demais meios de comunicação. “Os jornais de rádio, não importa a hora em que estejam no ar, devem estar a frente dos outros veículos” (BARBERO, 2001, p.12). Para o autor, o bom jornal de rádio é aquele que termina com a notícia que vai repercutir no dia seguinte.

A velocidade característica do meio radiofônico acaba por ter reflexos na construção da notícia. O texto de rádio deve ser objetivo, direto e conciso. Há um sentimento de urgência e de pressa presente no discurso radiofônico. “O rádio exige de quem escreve a objetividade, a economia de palavras e o encadeamento claro e simples de idéias para que o ouvinte possa compreender facilmente a informação” (PARADA, 2000, p.49).

A primeira informação, dada pelo rádio geralmente de modo resumido, vai ser ampliada depois pelos veículos impressos. Mas o rádio pode ir além. Mais do que simplesmente informar e relatar a ocorrência factual, o jornalismo de rádio também pode contextualizar, analisar e explicar. O radiojornalismo, como processo de reconstrução da realidade, como elemento de mediação social entre os ouvintes e os fatos que envolvem a comunidade não pode tão somente relatar. Afinal, como diz Barbero “o radiojornalismo não pode se ater ao jornalismo declaratório. Tem que se desenvolver com os outros veículos e dar ênfase à investigação e ao desenvolvimento da reflexão social e do espírito crítico” (BARBERO, 2001, p. 8). Beltrão cita Marti para reforçar que “não cabe ao jornalismo informar ligeira e frivolamente sobre os fatos que acontecem ou censurá-los com maior soma de afeto ou adesão” (MARTI apud BELTRÃO, 1976, p.12). O presente trabalho segue por essa vereda com o intuito de verificar a possibilidade do jornalismo interpretativo, gênero mais afeito aos veículos impressos, ser aplicado também na construção da notícia radiofônica.

2 OBJETIVO



O trabalho tem como objetivo o desenvolvimento de uma reportagem radiofônica analítica sobre a lei Maria da Penha e a violência doméstica em São Miguel do Oeste a partir dos conceitos básicos do jornalismo interpretativo.

Busca-se, com esse trabalho analisar a construção da notícia no rádio além do padrão tradicional limitado pela factualidade e leitura superficial dos acontecimentos.

3 JUSTIFICATIVA

Todos os dias, milhares de pessoas ligam o rádio em busca de música, entretenimento e informação. Presente em 96% do território nacional, o rádio tem a maior cobertura entre todos os meios de comunicação (JUNG, 2004, p. 13). Com quase 90 anos de existência, o veículo passou pela era de Ouro nos anos 40, superou os desafios impostos pela concorrência da televisão nos anos 50 e ainda está adaptando-se ao novo cenário criado a partir da popularização do computador e da internet. O rádio de hoje não é mais o mesmo do século passado. No entanto, como lembra Jung, “o jornalismo, bem ou mal, sempre fez parte da programação” (JUNG, 2004, p. 35). Ou seja, a veiculação de notícias é um dos papéis fundamentais do rádio.

O jornalismo de rádio, neste início de século, parece estar em consonância com as características da sociedade pós-moderna. No cenário contemporâneo, as certezas da modernidade dão lugar as incertezas do espaço pós-moderno permeado pela fragmentação da existência. As relações pós-modernas são caracterizadas pela espetacularização midiática, pelo consumo exagerado e pela relativização dos valores. Rublescki diz que nesse cenário de crise de sentidos e práticas sociais de contemplação, o jornalismo parece abraçar, de corpo e alma, os lógicas de mercado. No pós-moderno tudo é descartável: os bens de consumo, os relacionamentos e também a notícia. Nessa lógica, o receptor em geral e o ouvinte de rádio em particular esperam pela novidade ansiosamente. O novo suplanta o velho sem que o ouvinte possa compreender e apreender as dimensões que envolvem o fato noticiado.

A notícia de rádio, via de regra, é enxuta, direta e superficial. Breve relato do fato. São pílulas de informação, consumidas durante o dia. Um fato vai sucedendo ao outro sem que ocorra a devida contextualização.

O jornalismo, e no rádio não é diferente, tem a pretensão da verdade. Como recortar o real, acomodá-lo no formato radiojornalístico e apresentá-lo ao público sem deixar de

contemplar aspectos que são importantes para a compreensão do fato relatado? Embora a lógica de mercado diga o contrário, o rádio, por estar “perto” do ouvinte pode dar um outro tratamento a informação. A reportagem analítica, que contemple outros aspectos da notícia, que explique, contextualize, avalie, projete e esclareça é uma ferramenta pouco usada pelo rádio, mas necessária para que o veículo cumpra a sua tarefa precípua de informar e orientar o ouvinte.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A fim de verificar a aplicação prática do modelo de jornalismo interpretativo na produção de uma notícia radiofônica optamos por produzir uma reportagem analítica. Isso porque a reportagem é um dos formatos que permite uma análise profunda do tema. Além disso,

A reportagem é a principal fonte de matérias exclusivas da rádio jornalística. A constante busca da isenção jornalística é a melhor forma de passar as informações para que o ouvinte possa tirar suas próprias conclusões o fato relatado. O repórter tem que se preparar para construir uma reportagem completa e equilibrada; se esforçar ao máximo para ouvir todos os envolvidos no episódio, respeitando o direito de as pessoas terem opiniões divergentes. (BARBERO, 2001, p. 40)

Desse modo, a justifica-se a escolha do formato reportagem para a tentativa de construção de um radiojornalismo interpretativo. O tema escolhido para a construção da reportagem analítica foi a violência doméstica e os três anos da Lei Maria da Penha em São Miguel do Oeste. A opção por esse assunto levou em conta três dos aspectos considerados como valor-notícia na divisão proposta por Mauro Wolf e citada por Felipe Pena que são a quantidade de pessoas envolvidas, interesse nacional e interesse humano (WOLF apud PENA, 2005, p.72). A escolha do tema também se justifica a partir dos critérios de noticiabilidade de Erbolatto, em especial os de proximidade e de importância do tema.

A construção do texto, a utilização das fontes e a linha de abordagem do tema levou em conta o que Spannemberg entende como sendo as características da reportagem interpretativa. Segundo a autora, a contextualização do fato, não apenas fazendo seu relato, mas apontando suas causas e conseqüências; a utilização da linguagem narrativa e a objetividade dos fatos e a humanização do relato caracterizam a profundidade da



reportagem interpretativa (SPANNENBERG apud MELO, 2010, p. 117). Também é esclarecedor a observação de Bond sobre a relevância do jornalismo interpretativo.

A necessidade de interpretar e explicar as notícias é manifesta. A vida se tornou tão complicada e variada, nas múltiplas atividades, que mesmo os especialistas se desorientam em seus próprios campos do conhecimento. O homem mortal comum, perdido no labirinto da economia, da ciência e das invenções, pede que alguém lhe dê a mão e o acompanhe em seus passos, através de tanta complexidade. Por isso, o jornalismo moderno se encarrega não só de noticiar os fatos e as teorias, mas proporciona ainda ao leitor uma explicação sobre eles, interpretando e mostrando seus antecedentes e suas perspectivas. Tudo isso com o propósito de ajudar o homem a compreender melhor o significado do que lê ou ouve. (BOND apud ERBOLATO, 2001, p. 33).

A reportagem em questão não faz apenas um relato do que é a violência doméstica ou apresenta números que ilustram os efeitos a Lei Maria da Penha em São Miguel do Oeste. Ela também traz essa abordagem, mas aprofunda o tema da violência contra a mulher a partir de um caso concreto e mostra como a Lei influenciou a situação retratada. Além disso, aborda os diferentes aspectos que cercam o tema como a questão cultural de uma sociedade machista, o consumo de álcool como elemento potencializador da violência, e a visão da polícia, vítimas, agressores, terapeutas e de defensores do direito da mulher. Os distintos retalhos que formam a colcha da violência doméstica foram apresentados interligados e não de modo fragmentado como costumam aparecer nos espaços de radiojornalismo. O que se buscou foi a efetivação do enunciado de Lage para quem a reportagem interpretativa é a “exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente” (LAGE apud PENA, 2005, p.75).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem radiofônica construída a partir do viés do jornalismo interpretativo tem 12 minutos de produção. O tempo foge do padrão tradicional das reportagens veiculadas pelas emissoras de rádio. Mas a proposta é exatamente esta: ampliar o tempo para aprofundar o assunto e construir a notícia radiojornalística de forma contextualizada e interpretada. A temática envolvendo violência doméstica está presente em toda a sociedade, não sendo portanto, um problema limitado a determinada classe social. Os elementos que envolvem a questão são inúmeros e entrelaçados, o que justifica uma abordagem interpretativa e conjuntural. A exposição contextualizada pode permitir ao ouvinte uma

compreensão da complexidade do assunto reportado de modo a contribuir para a construção do conhecimento por parte do ouvinte.

O texto, embora busque um aprofundamento maior do tema, procura manter presentes algumas características da redação radiojornalística tradicional, como as frases curtas e a linguagem simples. Essa construção segue o que diz Charter e Harris sobre o início da radioreportagem.

A primeira linha deve ser curta e forte. Ela precisa prender a atenção do ouvinte fazendo aumentar o volume do rádio. Ao mesmo tempo, deve prepará-lo para ouvir uma sequência de informações que ele desconhece. Lembre-se de que o seu ouvinte poderá estar desatento, pensando em outras coisas. Até mesmo, desligar o rádio naquele momento. (CHARTER e HARRIS, 1998, p. 51)

Assim, a reportagem interpretativa sobre a lei Maria da Penha começa com uma frase de impacto e o relato da vítima para introduzir o assunto e atrair o ouvinte. No caso de uma reportagem interpretativa, maior do que as rotineiras, esse dado é ainda mais importante.

Na sequência da reportagem foram ouvidos dois delegados de polícia, um policial militar, um terapeuta familiar, um agente carcerário, uma vítima, um agressor e a presidente de uma entidade defensora dos direitos da mulher. Durante o texto, procuramos interligar as fontes e os diferentes enfoques sobre o tema de modo a demonstrar que existe uma relação entre eles e que todos fazem parte do complexo problema que é a violência doméstica.

6 CONSIDERAÇÕES

Charter e Harris dizem que o objetivo do rádio é comunicar. “Se não conseguirmos fazer isso, não conseguimos fazer radiojornalismo.” (CHARTER E HARRIS, 1998, p. 50). A comunicação do rádio moderno se caracteriza pela instantaneidade, pelo relato objetivo, direto e superficial. O jornalismo de rádio não perde tempo, dá a primeira informação e segue para a próxima na busca desenfreada pelo furo e pela agilidade. O tempo no rádio é o tempo da pós modernidade: rápido, fragmentado e descontextualizado.

Mas será que é só isso? Ao reconstruir o real pelo relato o radiojornalismo estará cumprindo com o seu papel? O rádio informativo pode ser mais do que simples indicador do que está acontecendo longe dos olhos do ouvinte. Lage diz que o jornalista é um tradutor de discursos e que



Traduzir já não é pouco: basta confrontar o efeito emocional de expressões como “hidrolato simples” e “perda de poder aquisitivo, por um lado, e “água” e “empobrecimento” por outro. Mas o processo não pode ser reduzido à simples troca de itens léxicos. O processamento mental da informação pelo repórter inclui a percepção do que é dito ou do que acontece, a sua inserção em um contexto (o social e, além desse, toda informação guardada na memória) e a produção de nova mensagem, que será levada ao público a partir de uma estimativa sobre o tipo de informação de que esse público precisa ou qual quer receber. Em suma, o repórter, além de traduzir, deve confrontar diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade. (LAGE, 2009, p.22)

O radiojornalismo interpretativo, embora pouco utilizado no rádio, pode ser uma ferramenta importante na busca desse objetivo que vai além do simples relato. É ao pé do rádio que milhares de pessoas se divertem e se informam. O veículo poderia aproveitar essa relação tão próxima para melhorar a informação e a formação do “amigo ouvinte”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Ed.Contexto, 2005.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Ed.Contexto, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**. Ed.Porto Alegre: Sulina, 1976.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Ed.Record, 2009.

BARBERO, Heródoto. **Manual de Radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Ed.Campus, 2001.

MELO, José Marques e ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Ed. Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Ed. Summus, 1998.

SALOMÃO, Mohazir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Ed. Annablume, 2003.

PARADA, Marcelo. **Radio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Ed. Panda, 2000.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

RUBLECKI, Anelise. **Jornalismo Pós-moderno: uma discussão dos valores míticos na sociedade hiper-espetacular**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/anelise-jornalismo-pos-moderno.pdf>>. Acesso em: 02 abril. 2011, 10:22:00.